

| Recebido: 21 Jan. 2025 | Aceito: 30 Mar. 2025 | Publicado: 06 Abr. 2025 |

Continuidades epistemológicas da Escola Francesa de Geografia na obra de Eric Dardel

Epistemological continuities of the French school of Geography in the work of Eric Dardel

*Francyjonison Custodio do Nascimento*¹
 <https://orcid.org/0000-0001-9078-8097>

Resumo

O conhecimento geográfico é construído a partir de continuidades e rupturas. Visitar a história da Geografia, como disciplina científica, ou de um autor específico é sempre um movimento pendular entre novidades e prosseguimentos. O mesmo acontece com Eric Dardel, geógrafo francês do século XX. No que se refere a geografia dardeliana, há inúmeros trabalhos investigando os postulados filosóficos da Fenomenologia e do Existencialismo que balizam seu pensamento, apontando a ruptura da sua obra com a Geografia produzida na época. As continuidades presentes na obra de Eric Dardel, contudo, não possuem a mesma atenção. Este artigo, então, objetiva investigar e compreender as continuidades da Escola Francesa de Geografia presentes na geografia de Eric Dardel. Para tanto, construímos uma revisão bibliográfica, tanto da obra dardeliana como da Escola Francesa de Geografia. Assim, analisou-se tanto a obra geográfica de Dardel, O Homem e a Terra, como também comentadores dessa obra. Concluímos que Dardel possui os vidalianos na sua comunidade científica, no seu círculo de afinidade. Entre as influências da Escola Francesa de Geografia no projeto geográfico de Eric Dardel estão o uso dos aspectos literários na escrita, a opção da relação Homem-natureza como cerne epistemológico, o diálogo com outras ciências bem como a observação e descrição como parte dos procedimentos metodológicos.

Palavras-Chave: Epistemologia; Eric Dardel; Escola Francesa de Geografia.

Abstract

Geographic knowledge is built from continuities and ruptures. Visiting the history of Geography, as a scientific discipline, or of a specific author is always a pendulum movement between novelty and continuity. This is true for Eric Dardel, 20th century french geographer. With regard to dardelian geography, there are countless works investigating the philosophical postulates of Phenomenology and Existentialism that guide his thinking, pointing out the rupture of his work with the Geography produced at the time. The continuities present in Eric Dardel's work, however, do not have the same attention. This article, then, attempts to investigate and understand the continuities of the French School of Geography present in Eric Dardel's geography. For that, we built a bibliographic review, both of the Dardelian work and of the French School of Geography. Thus, both Dardel's geographical work, Man and Earth, and commentators on that work were analyzed. We conclude that Dardel has the vidalianos in his scientific community, in his circle of affinity. Among the influences of the French School of Geography on Eric Dardel's geographical

¹ Doutor em Geografia (UFRN), SEEC/RN, jonisoncustodio@gmail.com

project are the use of literary aspects in writing, the option of the human-nature relationship as an epistemological core, dialogue with other sciences as well as observation and description as part of the methodological procedures.

Keywords: Epistemology; Eric Dardel; French school of Geography.

Introdução

O movimento de buscar as fontes da obra dardeliana, focalizando as bases filosóficas, tem sido uma constante nos últimos anos. Esse movimento se dá, geralmente, por meio dos estudos da potente novidade que Eric Dardel quis legar à Geografia, mesmo quase setenta anos depois do lançamento de *O Homem e a Terra*. A bem da verdade, por diversos motivos, a recepção da obra de Dardel foi tardia no seio da ciência geográfica e ainda há muitos elementos a serem discutidos e revisitados na referida obra (Besse, 2015b). Contudo, não só o frescor das correntes filosóficas faz do trabalho dardeliano um projeto instigante para a Geografia contemporânea, pois não só de novas propostas são feitas as construções teórico-metodológicas da ciência geográfica. Estruturas diversas do pensamento geográfico se mantém graças à continuidade de ideias (Berdoulay, 2017). Desse modo, há uma miríade de coexistências, atravessadas por rupturas e continuidades, na história do pensamento geográfico (Capel, 2007). Com Eric Dardel, essa dinâmica não é diferente.

De fato, devido a potente união entre Fenomenologia, Existencialismo e Geografia que repousa em *O Homem e a Terra*, a maioria dos trabalhos que se preocupam com o projeto dardeliano de Geografia voltam seus olhares para a aproximação de Dardel (2015) com as supracitadas correntes filosóficas do século XX, que renovaram – e ainda renovam – a ciência geográfica (Besse, 1988; Lévy, 1996; Raffestin, 1988; Dal Gallo; Marandola, 2015; Nascimento, 2020). Claval (2014), por exemplo, aponta a obra dardeliana e seu diálogo com as chamadas filosofias do espírito como resposta a um certo mal-estar que se instalou na Geografia Francesa após a Segunda Guerra Mundial. Outros trabalhos, ainda, chamam atenção para outros elementos de ruptura com a Geografia em voga do século XX, como o forte diálogo com a Literatura e a abordagem do mito como relação com a terra, forma de participação no mundo (Lévy, 1996; Besse, 2015a).

É preciso lembrar, entretanto, que diversos trabalhos chegam a mencionar que Dardel é filho de seu tempo e, como tal, recebeu a dupla formação em Geografia e História, que era comum na França, bem como bebeu de referências da Geografia Clássica (Besse, 2015b; Berdoulay, 2017). Essas menções, contudo, são pontuais e carecem de maiores explicações, de um maior aprofundamento. Afinal, é preciso se enveredar não só nas rupturas da ciência geográfica que era contemporânea de Eric Dardel (2015), mas também compreender as continuidades que sustentaram o vigor do seu trabalho. Tal postura é fulcral na compreensão de um autor do quilate e da amplitude de Dardel, que tem sido o fiador de uma abordagem mais humanista na Geografia (Gomes, 2016).

Esse artigo, portanto, tem como objetivo esse esforço de compreender as relações de continuidades da Escola Francesa de Geografia, de inspiração vidaliana, na obra de Dardel. Para tanto, iremos, primeiramente, abordar as principais contribuições dessa escola da Geografia, enfatizando o papel de Paul Vidal de La Blache e de seu círculo de alunos e, por consequência, apontando os elementos da epistemologia vidaliana. Iremos, ainda, visitando Dardel e alguns de seus comentadores, apresentar de forma contextualizada as relações entre a obra dardeliana e a Escola Francesa da Geografia, encontrando as continuidades presentes.

Vidal e a Escola Francesa de Geografia

A Escola Francesa de Geografia praticamente se confunde com os postulados teórico-metodológicos de Paul Vidal de La Blache e seus alunos. Não é um exagero dizer que existe uma geografia francesa antes de La Blache e outra depois (Claval, 2006). No dizer de Berdoulay (2017), a Escola Francesa de Geografia se confundiu com o círculo intelectual dos vidalianos. Diversos motivos são levados em consideração para se atestar isso. Entre eles, estão as relações de Vidal com os meios intelectuais estabelecidos, com parte da aristocracia e, via instituições, com o Estado francês (Claval, 2006; Campos, 2014). Com efeito,

Vidal conseguiu organizar uma ampla rede de patronato e influência através de seu poder sobre as carreiras profissionais de seus discípulos. Depois do grupo estruturado em meados do século XX ao redor de Victor Cousin, e ao lado dos que se constituíram no século XX em torno de Durkheim ou de Henri Berr, o de Vidal foi certamente um dos grupos (“clusters”) mais representativos da ciência social universitária francesa (Capel, 2007, p. 101).

Essas relações foram vitais para a institucionalização cultural da obra vidaliana e solidificação da carreira (Clout, 2003). A título de exemplificação, podemos citar a criação do *Círculo Oficial da Geografia*, um conjunto de laboratórios que foram criados sob os cuidados de Vidal de La Blache e orquestrado por este até 1918, e dos *Annales de géographie*, atrelada ao suporte financeiro de Armand Colin, que garantiu a difusão do pensamento de Vidal e seus discípulos (Mamigonian, 2003; Antunes, 2015). De fato, explica Berdoulay (2017), o segundo grupo dos discípulos de Vidal – Gallois, De Martonne, Jean Brunhes, Albert Demangeon, Max Sorre, Camille Vallaux, entre outros – dominaram a geografia universitária francesa.

Entretanto, além de doações privadas bem como a criação de cadeiras e bolsas em sociedades de pesquisas e de postos universitários, a geografia de La Blache perdurou não só por estes aspectos políticos. A questão é muito mais complexa do que isso. Não obstante as relações privilegiadas de La Blache, o pensamento vidaliano ganhou força no seio da geografia francesa devido ao seu caráter vanguardista e à vitalidade de suas proposições (Ribeiro, 2014; Berdoulay, 2017).

De fato, por muito tempo, inúmeros rótulos foram atribuídos ao pensamento de Paul Vidal de La Blache. Dessa forma, a concepção da obra vidaliana como meramente descritiva, fragmentária devido

ao seu caráter regional, passadista, ruralista, sem conteúdo político e opositora da geografia de Ratzel se manteve cristalizada (Lacoste, 2005; Moraes, 2007). Também foi apregoado que Vidal teria fundado a Escola possibilista da Geografia. A questão, contudo, é mais complexa. Como apontam Claval (2014) e Berdoulay (2017), o que aconteceu, na verdade, foi um enfoque na interpretação de Lucien Febvre e de outros alunos de La Blache.

Essa interpretação produziu o entendimento de que a Geografia não negligenciava a força e o poder do ambiente, mas se preocupava somente em compreender como o Homem consegue, devido a sua inventividade, vencer as limitações causadas pelo ambiente natural. Por causa disso, eles valorizam demasiadamente o aspecto técnico das relações e esqueciam algo vital no trabalho vidaliano: a circulação das sociedades e a vida de relação entre elas (Claval, 2014). Efetivamente, o tema de circulação foi muito caro a Vidal e a alguns de seus discípulos, sobretudo Jean Brunhes, estando presente em todas as abordagens de seus estudos, como aponta Berdoulay (2017). Assim sendo, foi da valorização de certos aspectos e do esquecimento de questões fulcrais que os discípulos de Vidal lhe consagraram uma teoria que nem o nome fora utilizado por ele: o possibilismo (Febvre, 1991; Campos, 2014).

Um olhar mais acurado, contudo, possibilita uma mudança dessa percepção. Com efeito, revisitas já realizadas às obras de La Blache indicam um pluralismo temático e de abordagem, desfazendo a caricatura construída acerca da obra de La Blache e de parte de seus alunos (Ozouf-Marignier; Robic, 2010; Ribeiro, 2014; Campos, 2014). Longe da visão meramente físico-ruralista, Vidal auxiliou na interpretação do surgimento das cidades, valorizou a dinamicidade no estudo do espaço geográfico, enfocou em importantes aspectos geopolíticos de seu tempo e sempre fez questão de reafirmar as articulações entre o todo e as partes. Até mesmo a crítica inicial de Lacoste (2005) passou por remodelações e uma nova mirada sobre os estudos vidalianos foi realizada.

Feitas essas considerações iniciais a respeito do trabalho de Vidal e da Escola Francesa, vamos nos debruçar, de forma mais geral, nesse trabalho, pensando e identificando suas referências, os autores com quem mantinham diálogos e as consequências, os desdobramentos do pensamento vidaliano.

Uma das ideias centrais de La Blache e de seus discípulos da Escola Francesa é a de unidade terrestre. Trata-se da ideia de que a superfície terrestre é um todo, no qual as partes estão coordenadas (La Blache, 2001). Para Brunhes (1962), contudo, esta ideia é chamada de conexão. O importante é frisar que ela também relembra que não existem fenômenos geográficos isolados. De fato, a consciência de que nada existe isoladamente é vital para os estudos vidalianos. A função destes últimos seria investigar a combinação dos fenômenos geográficos sobre a superfície. Inúmeros desdobramentos partem desse princípio. Um deles, comenta La Blache (2001), é a necessidade de não se fechar em frações da Terra. Há a necessidade das áreas estudadas serem vastas. Desse modo, “Tal como sugere a etimologia da palavra geografia, esse alcance abrangia a superfície terrestre.” (Berdoulay, 2017, 182). Assim sendo, da ideia de unidade terrestre surge a necessidade de levar toda a superfície da Terra em consideração.

Outro aspecto da tradição da Escola Francesa de inspiração vidaliana é a sua opção pelos gêneros de vida (*genre de vie*), enfatizando o caráter relacional entre os indivíduos e aquilo que se chamava de meio (*milieu*). Em todas as abordagens dessa escola, esse caráter dava a tônica dos trabalhos de ordem geográfica. De fato, em La Blache (2012a), há a concepção de que a existência humana não é realizada sobre a terra, mas *nela e por* ela. Assim, um atributo fulcral da epistemologia vidaliana é a total inexistência da dicotomia Homem – natureza (Gomes, 2017; Ribeiro, 2010). Questão central na Geografia – problematizada ainda hoje (Souza, 2019) – e um dos aspectos mais representativos da dita ciência moderna, essa dicotomia não só não ganha escopo nos estudos de Vidal de La Blache como é combatida. Para o autor francês, essa concepção que enxerga o Homem e o meio como dois termos opostos ou – para ser mais fiel ao vocabulário de La Blache (2012a) – como dois adversários em um duelo é errônea. Na sua concepção, são velhos hábitos de linguagem, sempre interligados a conhecimentos, que induzem a pensar o Homem e a natureza como termo opostos. Em suas palavras, “[...] o homem não é “como um império dentro de um império”; ele faz parte da criação vivente, é seu colaborador mais ativo. Ele não age sobre a natureza senão *nela e por* seu intermédio.” (La Blache, 2012a).

Esse entendimento de Vidal, o qual deu bases ao esforço de institucionalização da ciência geográfica, ia de encontro com os seus “antecessores” na produção de conhecimento geográfico, Humboldt e Ritter. Esses preconizavam um “ideal de contemplação”, numa postura quase não-científica. La Blache, juntamente com Ratzel, apregoavam uma ciência, um conhecimento de cunho científico que propunha uma análise da ação humana sobre a superfície terrestre (La Blache, 2012a). O fato é que a dicotomia Homem/meio não tem vez na epistemologia vidaliana.

Ribeiro (2010) comenta, inclusive, que essa postura é vanguardista no contexto de produção de La Blache. Aliar Homem, natureza e cultura no seio da Modernidade era uma posição, no mínimo, contra hegemônica. Num período em que se privilegiava o paradigma cartesiano-newtoniano com uma base racional, a qual buscava leis e as expressava unicamente segundo a linguagem matemática além de separar Homem e natureza, dando proeminência a segunda em detrimento do primeiro, esse caráter indissociável, apesar de não ser inédito, é ousado.

Hodiernamente, constata-se que, além de ousado, foi necessário para o programa que a Geografia almejava e ainda almeja ao propor o objeto da Geografia como estudo do espaço geográfico enquanto uma totalidade ou, em outras perspectivas, o estudo da experiência humana sobre a Terra. Sem essa ideia de indissociabilidade entre os elementos da natureza e os elementos humanos, a Geografia seria irremediavelmente outra. Assim, diferentemente das ciências que surgiam no fim do século XIX e início do século XX, a Geografia construiu sua identidade nessa integração, nessa indissociabilidade entre os ramos físicos e humanos.

Ribeiro (2010) lembra, ainda, que nisto estava a sua especificidade, mas, também, os dilemas que a jovem ciência teve que enfrentar. De fato, Ribeiro (2010) e Berdoulay (2017) enumeraram alguns

imbróglis com geólogos, sociólogos e historiadores que não compreendiam a natureza da ciência geográfica por estarem acostumados com uma divisão de ciências do Espírito e ciências da Natureza. Na verdade, essa especificidade da ciência geográfica proporcionava um certo temor dos geógrafos “invadirem” o campo de conhecimento dessas outras áreas. Emile Durkheim e Arnold van Gennep, por exemplo, teceram críticas a Geografia em relação a isso (Berdoulay, 2017). Por outro lado, tanto Vidal quanto alguns de seus discípulos, tais como Lucien Febvre, Jean Brunhes e Camille Vallaux, desenvolveram trabalhados delimitando um certo escopo para a Geografia, argumentando que ela não era uma ciência “puramente humana” e, assim, afastando-a da Sociologia, da História e da Antropologia (Febvre, 1991; La Blache, 2012a; Lus Betti; 2019).

Não obstante isso, o importante a frisar é que a relação Homem-natureza é central na epistemologia de La Blache, ou em outras palavras:

[...] o elemento constante da geografia vidaliana é o estudo das relações Homem meio. É o núcleo onde, ao seu redor, gira todo o enredamento da vida social. As esferas política, econômica, cultural e social possuem uma autonomia que não é senão relativa, na medida em que estão inexoravelmente ligadas ao meio em que foram engendradas. E é este mesmo meio que constitui-se em *locus* privilegiado para a observação dos desdobramentos de tais esferas (Ribeiro, 2010, p. 10).

Assim, na compreensão de La Blache, o Homem é natureza; o ser humano é parte da criação vivente. E mais do que isso: é o seu colaborador mais vivaz, mais ativo. Ele não age sobre a natureza, como se fosse um elemento externo, mas atua senão nela, em seu interior, posto que é parte integrante dela (La Blache, 2012a). Para os vidalianos, de fato, o ser humano é um agente geográfico, um modificador da natureza (Berdoulay, 2017). E o caminho inverso também era notável. Não só o Homem agia na e pela natureza, mas a natureza outrossim exercia uma influência sobre o Homem. Assim, “sujeita ao homem, a natureza exercia seu poder de adaptação; sujeito à natureza, o homem exercia seu poder de transformação.” (Ribeiro, 2012, p. 34). Jean Brunhes, por sua vez, relembrava que a tarefa da Geografia seria investigar a interação, as ações recíprocas dos homens e do meio natural. A contribuição do geógrafo viria dos estudos dessas relações (Brunhes, 1962). Nesta mesma senda, Demangeon (1952) reconhecia a Geografia como o estudo dos grupamentos humanos em suas relações com o meio geográfico ao recordar como a Humanidade, devido a sua iniciativa, passou de dependente da natureza a um ser que exerce uma ação poderosa sobre a ela, tornando-se um agente transformador.

Desse modo, os vidalianos não cedem ao ideário moderno em voga na sua época que concebia a Terra como uma máquina. Apesar de compartilhar a ideia de que a Terra era regida pelas leis da natureza e da forte influência evolucionista – que será comentada mais à frente –, a geografia vidaliana não se resume a um tipo de darwinismo social, no qual o Homem é joguete de jogos da natureza. Nem para justificar o Colonialismo, o darwinismo social ganha lugar nas obras de La Blache. A resposta para isso é a ênfase na História. Ribeiro (2010), aliás, vai chamá-la de “antídoto”. Berdoulay (2017), por sua vez, vai recordar que o “espírito geográfico” de Vidal estava todo penetrado pela História; o que, a

princípio, soa como contraditório, posto que tanto Vidal como seus primeiros discípulos se afastaram da História para que a Geografia não se tornasse sua auxiliar apenas.

Assim, estabeleceu-se, inicialmente, uma combinação contraditória, pontua Berdoulay (2017): uma relativa hostilidade à História convivia com a inclusão da própria História na abordagem geográfica. Com o passar do tempo, o diálogo foi se tornando mais amistoso, com Febvre (1991) familiarizado com a obra de Vidal e Demangeon (1905, 1952) se utilizando de princípios históricos para pensar a Geografia humana e compreender as paisagens do passado.

A realidade é que La Blache, para não cair na ênfase naturalista tão comum nos contemporâneos dele, abraçou a História e o seu caráter holístico. Por ser historiador de formação, a utilização desse “antídoto” não causa surpresa ou espanto, mas, ainda assim, se mostra interessante, posto que não é a concepção fatalista de História que ganha lugar na geografia vidaliana. Não se trata, pois, do entendimento de uma história linear que, inevitavelmente, conduzirá a espécie humana ao progresso que, por sua vez, a espera num horizonte próximo.

Para La Blache, explica Ribeiro (2010), a história permite recordar e, portanto, incluir nas análises geográficas que os homens não se prendem à uma escala local, que são capazes de construir enormes cidades e Estados fortes bem como podem estabelecer relações com lugares mais distantes. Assim, com a ênfase na história, o meio não tem a palavra final. Contudo, o próprio meio é também fator decisivo na diferenciação do processo histórico ao interferir naquilo que a história “narra”. É esta ligação, esse caráter duplo que também está presente na concepção que Homem e meio estão umbilicalmente ligados. O interesse de Vidal pela abordagem histórico-cultural do Homem foi essencial nesse processo (Berdoulay, 2017).

É mister, ainda, lembrar que a visão vidaliana sobre Homem e meio/natureza é fortemente influenciada por Darwin e Lamarck, ou seja, por uma postura filosófica próxima da evolucionista. Com efeito, para Vidal, “se aplica à geografia humana a teoria darwiniana sobre os efeitos resultantes das migrações de organismos” (La Blache, 2012a, p. 109). Na interação meio/natureza, o que há realmente, explica Ribeiro (2012), é um jogo, no qual os participantes são os homens, os animais e as plantas. Tais elementos se distribuem pela superfície terrestre numa “luta pela sobrevivência”. Essa compreensão fica nítida com a utilização de termos como adaptação, evolução, concorrência e equilíbrio e luta. Diante disso, sob o ponto de vista humano, a natureza ou o meio possui um duplo caráter: ora inimiga, ora cúmplice.

Desse modo, explica Ribeiro (2012), para o Homem realizar sua existência, ou seja, para buscar condições onde possa se alimentar, reproduzir e habitar, é necessário um determinado quadro natural. Esse quadro natural, por sua vez, impõe certas condições para a busca das condições de existência e sobrevivência do ser humano. No entanto, esse último, como ser social e cultural disperso de maneira desigual na superfície terrestre, tem diferentes maneiras de se adaptar ao quadro natural (Berdoulay, 2017). Além disso, cada quadro natural é distinto um do outro e isso proporciona inúmeras formas de

“adaptação” ao meio. Para Ribeiro (2012), esse é o raciocínio que conceitualiza o gênero de vida de La Blache. O conceito de gênero de vida é, pode-se dizer, o grande carro-chefe de Vidal de La Blache. Apesar de outras contribuições ao pensamento geográfico, foi essa a que mais ganhou destaque na difusão da obra vidaliana. Isso se deve, sobretudo, ao embate imperialista e ao “testemunho” dos discípulos de La Blache, como foi o caso de Febvre (1991) que ofereceu uma classificação dos gêneros de vida.

Assim, enfatizando a indissociabilidade entre Homem e natureza, o conceito lablacheano de gênero de vida permite um projeto de ciência geográfica. No pensamento de Vidal, então, a Geografia se apresentaria como uma estratégia, uma perspectiva de cunho científico que permite explicar como a diversidade dos ambientes deve e pode ser explorada de modo que possa trazer o maior número de benesses para a espécie humana. De fato, explica Claval (2014), havia no pensamento vidaliano uma insistência nos gêneros de vida para interpretar as relações do ser humano com o ambiente.

Decorrente desse postulado da indissociabilidade entre o Homem e a natureza da Escola Francesa de Geografia de inspiração vidaliana está a compreensão da liberdade humana frente aos constrangimentos do meio. A defesa da liberdade e da iniciativa humana, com efeito, é outro ponto central do pensamento dos vidalianos. Para além das interpretações que sugeriam um certo possibilismo francês como antagonista da perspectiva determinista alemã, é totalmente comprehensível a proposição e defesa deste postulado teórico na escola lablacheana (Berdoulay, 2017).

Na verdade, a temática da liberdade humana já era uma temática presente no universo intelectual francês. Berdoulay (2017) explica, aliás, que havia a compreensão de como a liberdade do ser humano exercia um papel preponderante na construção de uma nação em Jules Michelet. De fato, este último, em sua obra *Introduction à L'Histoire Universelle*, apresentava a História como o triunfo da liberdade, como parte da eterna luta do Homem contra a natureza, da liberdade contra a fatalidade. Para o historiador francês, com efeito, a liberdade era uma lei imposta pela própria natureza (Michelet, 1962).

Desse modo, a ideia da liberdade diante do meio não era inédita e, entre os vidalianos, criou raízes profundas na Escola Francesa de Geografia ao ser tomada por Vidal, que estimulou estudos em grupos mais “arcaicos” isolados, a fim de investigar a influência do meio no Homem (La Blache, 2001). A partir disso, argumenta Berdoulay (2017), os vidalianos reconheciam que, a cada época diferente da História, a liberdade humana variava, tendo o progresso tecnológico como grande variável. Entretanto, o pensamento vidaliano acerca da liberdade humana vai além da compreensão de Michelet (1962) e de outros historiadores de seu tempo:

Os historiadores que se preocuparam em destacar as influências geográficas obedeceram, sobretudo, à ideia de que estas influências, muito fortes ou mesmo preponderantes no início, enfraqueciam-se em seguida, ao ponto de se tomarem, para muitos deles, negligenciáveis. Este ponto de vista não deveria ser o do geógrafo. Seguramente, a emancipação pela qual o Homem pouco a pouco se liberta do jugo das condições locais, é uma das lições mais instrutivas que nos proporciona a história. Mas, civilizado ou selvagem, ativo ou passivo, ou, sobretudo, sempre, ao mesmo

tempo um e outro, o Homem, nestes diferentes estados, não deixa de fazer parte integrante da fisionomia geográfica do globo. Através dos estabelecimentos que ele constrói na superfície do solo, pela ação que exerce sobre os rios, sobre as próprias formas do relevo, sobre a flora, a fauna e todo o equilíbrio do mundo vivente, ele pertence à geografia, onde joga um papel de causa. Ainda que a habitabilidade não cubra inteiramente o globo, pode-se dizer que, nas raras regiões em que ele não penetra, a ação preponderante que exerce sobre o mundo da vida não deixa, em certa medida, de se fazer sentir (La Blache, 2002, p. 2).

Dessa maneira, é muito mais como alguém dotado de iniciativa do que sofrendo passivamente as influências do meio que o ser humano exerce seu papel. A iniciativa da ação humana no mundo era o ponto central da geografia dos vidalianos. Na compreensão da Escola Francesa, portanto, havia uma constatação científica de que o ser humano modifica o ambiente, era um agente geográfico.

Várias foram as influências para a recepção dessa constatação por parte dos vidalianos. Berdoulay (2017) cita, além dos historiadores já comentados acima, nomes como Buffon, Ratzel, Reclus e Woeikof entre aqueles que mobilizaram teorias adotadas pelos vidalianos no que diz respeito ao papel geográfico do ser humano. Soma-se a esses autores, explica Berdoulay (2017), um “esquema” neokantiano de produção do conhecimento científico, que possibilitou os vidalianos a existência de um quadro filosófico capaz de conceber as relações Homem-meio sem contradições.

Todo este movimento entusiasta da liberdade humana, porém, não eliminou as considerações sobre as influências do meio no Homem. Pelo contrário, La Blache (2012a), ao comentar sobre as migrações, argumentou que as combinações e configurações fisiográfica das áreas também desempenham papéis importantes. Vidal, pontua Berdoulay (2017), também se interessou por descobertas fisiológicas e descobertas médicas a respeito da ecologia dos homens, posto forneciam elementos de compreensão para a influência do meio sobre a humanidade. Aliás, ao comentar a sua famosa frase “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”, Vidal de La Blache explicou como a ciência geográfica se preocupa com os homens, seja quando eles recebem influência do meio ou quando interferem no aspecto dos lugares (La Blache, 2019). Ao tratar da Geografia humana, por sinal, La Blache (2012a) pontua como os traços físicos definem povoamento, economia, tipos de construções, entre outras coisas. Mesmo considerando um capítulo delicado da Geografia humana, Vidal considerava pertinente “o estudo das influências que o meio ambiente exerce sobre o Homem em termos físicos e morais” (La Blache, 2012a, p. 117). Isso se deve ao fato de que Vidal fugia das simplificações e generalizações prematuras por perceber que essa influência é difícil de se compreender devido à complexidade das sociedades e a certa ignorância em relação a dinâmica da natureza.

Desse modo, a ideia de iniciativa e liberdade humana não relega ao meio um papel secundário, meramente passivo. O ambiente, dessa forma, era vivo e possuía suas próprias dinâmicas, seus próprios mecanismos. Na compreensão da Escola Francesa de Geografia, nem o meio nem o ser humano são passivos. Eles interagem mutuamente. O ser humano, com sua liberdade e inventividade, ainda poderia

“triunfar” sobre a natureza, mas fazia isto dentro daquilo que a natureza pode propor, por meio das estratégias que ela permite (La Blache, 2002).

Diante do que foi exposto, com Ribeiro (2012) e Berdoulay (2017), pode-se dizer que a Escola Francesa de Geografia de inspiração vidaliana e sua epistemologia geográfica nos legou muito e entre suas contribuições mais imponentes estão os seguintes pontos: a) correlação, encadeamento e articulação entre as partes e o todo, prevalecendo o grande aspecto metodológico de ter em mente a unidade da superfície terrestre; b) comparações sociológicas, culturais e históricas; c) trabalhos com observação direta e descrição, com utilização de cartografia, mas sem negligenciar os saberes populares relativos à Geografia; d) uma ênfase na relação Homem-meio, pensando ambos como seres ativos e interdependentes; e) uma postura interdisciplinar ao transitar pela Ecologia, História, Geologia, Etnografia e Sociologia, apregoando a unidade das ciências e indo de encontro com o ideário modernista de ciência; f) presença forte da tradição alemã com Humboldt, Ritter, Ratzel, Peschel e Richthofen.

Tendo feitas essas considerações a respeito da obra de Vidal e da Escola Francesa da Geografia, passamos agora para a geografia dardeliana. Abordaremos os seus círculos de afinidades e, sobretudo, as continuidades dos vidalianos no pensamento de Eric Dardel.

Dardel, um vidaliano

Para compreender as referências de Eric Dardel, é preciso compreender também o seu círculo de afinidade. Cada autor, de fato, possui um círculo de afinidade, com o qual estabelece ligações diversas e que acabam influenciando sua produção intelectual. Na Geografia, pontua Berdoulay (2017), esta “comunidade científica” não se resume a geógrafos, mas pode ser estabelecida com autores de outros campos. O que é um fato muito comum, pois a ciência geográfica, desde os seus primórdios, é baseada em encontros, na convergência de saberes e de pesquisadores dos mais diversos campos (Sauer, 2000). Assim, como já comentado anteriormente, a comunidade científica de Dardel é composta por diversas filiações de pensamento, contemplando filósofos da Fenomenologia e do Existencialismo, historiadores, literatos de diversas línguas e até o seu seio familiar, com um diálogo com seu sogro, Maurice Leenhard, e seu cunhado, Henry Corbin (PinchemeL, 2015).

Além desses autores, a comunidade científica de Eric Dardel é repleta de geógrafos e de historiadores preocupados com questões geográficas. As suas referências geográficas são notadamente os autores da Geografia Francesa. Mesmo sendo considerado um *outsider* da Academia por ter trabalhado toda a sua vida no ensino secundário e pelo fato da maioria de seu trabalho ser composto artigos do campo mítico-religioso (Besse, 2015a), Dardel chegou a defender uma tese de doutorado sobre a geografia da pesca e produziu livros sobre História e Geografia. Nessa produção, é identificada a presença de autores que compõem a chamada Escola Francesa de Geografia (Berdoulay, 2017).

Com efeito, nas citações de *O Homem e a Terra*, podemos encontrar o próprio Vidal de La Blache e inúmeros de seus discípulos, sejam os de primeira hora ou os mais tardios, tais como Raoul

Blanchard, Albert Demangeon, Emmanuel de Martonne, Roger Dion, Lucien Febvre, André Siegfried, entre outros. Até mesmo as referências a Carl Ritter e a Humboldt, alemães considerados pais da geografia, podem ser consideradas como parte da influência da Geografia Francesa em Dardel, posto que, diferentemente do que se apregoou durante muito tempo, a Escola Francesa dialogou vividamente com a Geografia de inspiração germânica, por meio da leitura desses dois geógrafos alemães (Claval, 2014; Berdoulay, 2017).

A influência da Escola Francesa em Eric Dardel, contudo, não se resume a simples citação desses autores. Lévy (1996), inclusive, argumenta que Dardel (2015) se deteve em obras de La Blache, Roger Dion e Albert Demangeon porque percebeu nelas uma vivacidade literária e brilhantes metáforas espaciais, excelentes maneiras de comunicar o elo Homem-Terra. Dion e Demangeon, além de Lucien Febvre, são evocados para evidenciar o vigor das tonalidades afetivas e das ligações existências com paisagens, por exemplo (Dardel, 2015). Aliás, é com uma citação de La Blache sobre a floresta do Vosges que Eric Dardel inicia sua argumentação sobre a proximidade da linguagem do geógrafo e do poeta. Este aspecto, aliás, não é acidental na obra dardeliana. Em seu projeto geográfico, a proximidade do geógrafo e do poeta deve ser estreita:

[...] a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que fala sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso objetivo do erudito, porque ela transcreve fielmente ao ‘texto’ traçado sobre o solo. O rigor da ciência não perde em nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar [...] (Dardel, 2015, p. 3).

Este ponto é fulcral, pois Dardel (2015) propõe solapar as barreiras entre a linguagem da ciência geográfica e a realidade material. Desse modo, ao lado do universo científico e, em prol dele, há o universo de significados geográficos que, através da imaginação poética, pode reconectar o mundo científico ao “mundo da existência humana” (Besse, 1988). Nesta proposição dardeliana, o argumento, sustendo por exemplos de obras vidalianas, é de que, pela graça do estilo, a compreensão do leitor é muito mais clara (Dardel, 2015). O aspecto literário de La Blache e de seus companheiros, então, é tomado como inspiração para reforçar a crítica ao vocabulário pretensamente “objetivo”. Há, na compreensão de Dardel (2015), um ganho em expressividade numa escrita literária. O que importa frisar aqui é que tal proposição não é tributária apenas do passeio dardeliano pelos poetas, mas, observando as citações de *O Homem e a Terra*, também é eco da Escola Francesa de Geografia e seus autores, que, conforme Gomes (2017), chegaram a ser criticados por usarem um modo quase literário na redação, principalmente quando descreviam as paisagens.

A influência da Escola Francesa em Eric Dardel não se resume a este aspecto da “forma”, mas está no centro epistemológico do projeto dardeliano de Geografia. Outros aspectos dessa escola ganham proeminência na obra de Dardel. São elas: a ideia de liberdade humana, a relação Homem-meio e descrição.

A Geografia de Eric Dardel, numa retomada à Geografia Clássica de inspiração vidaliana, está baseada na descrição da terra. Nas palavras do autor francês, a Geografia “é, segundo a etimologia, a ‘descrição’ da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar” (Dardel, 2015, p. 2). Assim, todas as sinuosidades da superfície terrestre seriam signos desse texto. De fato, segundo a noção de Geografia de Dardel, a fisionomia da terra teria primazia nos estudos geográficos.

É preciso frisar que Dardel (2015), influenciado pelas filosofias do significado, advoga por uma ênfase não apenas na descrição, mas também na leitura, na decifração da fisionomia da terra, ou melhor, dos signos que compõem a superfície terrestre. É exatamente por isso que, não raras vezes, o projeto geográfico de Dardel é associado a Hermenêutica (Besse, 2015). O que importa, contudo, é perceber que, usando referenciais filosóficos diferentes, Dardel dá continuidade ao entendimento da Escola Francesa ao enfatizar a pertinência e a necessidade da descrição nos estudos geográficos.

Aliás, na esteira da descrição, a opção pelo estudo da superfície terrestre também é uma escolha aliada a Escola Francesa, que optou, entre outras coisas, pelo estudo da fisionomia da Terra (La Blache, 2012a). Além de La Blache, Jean Brunhes, explica Besse (2014), também conferiu importância à noção de fisionomia, de superfície. Este último foi mais longe do La Blache e fez do estudo da fisionomia o objetivo central da Geografia; esta seria, então, o estudo das inscrições, das impressões das ações humanas na superfície terrestre: “[...] a Geografia humana merece esse nome porque estuda a fisionomia terrestre modificada pelo homem; nisso ela é *geografia*.“ (La Blache, 2012a, p 104). Eis aqui a plenitude nos estudos geográficos na Escola Francesa de Geografia, o fato geográfico por excelência: há uma *grafia*, uma escrita sobre a superfície terrestre (uma *geo - grafia*).

É esta compreensão que a geografia dardeliana retoma. Dardel (2015), como já explicitado, dá primazia à leitura dos signos terrestres. A feição terrestre é uma preocupação perene na proposta dardeliana de geografia (Nascimento, 2020). Efetivamente, o conhecimento geográfico, propõe Dardel (2015), tem por objeto esclarecer esses signos da superfície terrestre. Deste modo, ainda que o espaço geográfico não seja apenas superfície, mas realidade material, a geografia dardeliana também valorizou o estudo da superfície terrestre. Até mesmo as claras alusões bachelardianas a respeito dos tipos de espaço (material, telúrico, aquático, aéreo e construído) partem da valorização da superfície terrestre como campo do trabalho geográfico. A título de exemplificação, as imersões nas reflexões sobre o espaço aquático têm sua importância ressaltada por Dardel devido ao fato de que a maioria da superfície é protagonizada pelo domínio das águas. Isto é, a pertinência de estudar os mares bem como as águas lacustres e fluviais se dá por causa da primazia do estudo da superfície terrestre. Para quem doutorou-se em geografia da pesca e conhece a dinâmica do mar e seus rebatimentos, como Eric Dardel, não é pouca coisa.

Ao se remeter ao telúrico, Dardel aponta que a crosta terrestre não está ligada somente. Até a citação de Emmanuel de Martonne, considerado por Dardel (2015) um geógrafo muito próximo ao

método científico, é para relembrar que, antes do geógrafo que mede e calcula, há um ser a desbravar e conhecer a superfície da terra. Esta última, portanto, é o *lócus* da inquietação geográfica que irá preceder e sustentar a Geografia como ciência. Desse modo, na proposição dardeliana, a Geografia, tanto enquanto atitude, participação no mundo como ciência (Besse, 2015), se desenrola na superfície terrestre.

É desse ponto que surge um aspecto fulcral na geografia dardeliana: a relação do ser humano com a terra. Este enlace Homem-terra é vital no pensamento de Eric Dardel, promovendo, inclusive, a construção da noção de geograficidade (Dardel, 2015). Esta última é entendida como um vínculo inescapável entre o ser humano e a Terra; uma cumplicidade obrigatória que evidenciaria as ligações existenciais do ser humano com a Terra. De fato, na obra dardeliana, o humano e o terrestre são impensáveis um sem o outro. A geograficidade recorda a consciência da existência terrestre do humano. Essa ideia, como já exposto, já existe na Geografia Francesa e, sobretudo, na obra de La Blacheana (La Blache, 2012a), mas, no pensamento dardeliano, é potencializada com um potente diálogo com correntes filosóficas do século XX (Holzer, 2016). Esse diálogo e as ideias da Escola Francesa de Geografia são as bases para a construção da noção de geograficidade.

Outro aspecto, inter-relacionado aos anteriores, que sugere fortemente a influência da Escola Francesa em Eric Dardel é a dimensão da liberdade humana. Essa temática é central em *O Homem e a Terra* e, por tabela, no pensamento dardeliano. Para explicá-la, Besse (2015), por exemplo, sugere que, mesmo sem citar diretamente Kant, Dardel retoma os postulados kantianos e compartilha a noção de liberdade situada sobre a Terra. Assim, pontua o filósofo francês,

[...] no âmbito da geografia, a relação dos homens com a Terra possui um alcance muito preciso: eles aprendem o ‘domínio real’ em que sua liberdade (que enquanto seres racionais possui um valor incondicional, absoluto) vai poder se efetuar, ou seja, tonar-se uma realidade (Besse, 2015, p.123).

Desse modo, o enfoque na relação dos seres humanos com a Terra propiciou o entendimento de que esta última é o lugar concreto da existência humana e, portanto, é nela que a humanidade exerce sua liberdade para construir um futuro. O sentido real da liberdade humana, portanto, viria dessa consciência terrestre, do saber-se consciente de sua condição terrestre e, partir dela, desenvolver sua história, construir sua obra.

Essa argumentação de Besse (2015) é interessante, instigante e faz uma leitura coerente da obra dardeliana. Contudo, parece-nos temerário atribuir diretamente a Kant essa influência em Eric Dardel, pelo motivo já expresso pelo próprio Besse (2015): não há citações, ainda que indiretas, para comprovar o diálogo. Mesmo sendo temerária, é uma postura que nos estimula a pensar sobre a origem da discussão sobre a liberdade na obra dardeliana.

No nosso entendimento, Dardel (2015) faz eco à discussão em voga na França. Na história francesa, como já mencionado, a ideia de liberdade humana frente ao meio já era discutida nos círculos

intelectuais franceses com o historiador Jules Michelet, que, inclusive, teve seu *Tableau de la France* citado em *O Homem e a Terra*. Na Escola Francesa e, a bem da verdade, na Geografia Clássica como um todo, posto que, além de La Blache, Ratzel – longe do “determinismo” apregoado por Lucien Fevbre – também discutia a noção liberdade humana construída historicamente no seio da ciência geográfica (Capel, 2007; Ribeiro, 2014). Não seria mais justo, portanto, inferir que Dardel foi impactado por essa discussão? Se há inúmeras citações de Vidal e de seus alunos na obra dardeliana, não seria mais coerente pensar que o interesse pela liberdade humana viesse deles e não de Kant? Justiça seja feita, a liberdade humana frente ao mundo na Escola Francesa foi, indubitavelmente, influenciada por esquemas neokantianos (Berdoulay, 2017), mas Kant, definitivamente, não fazia parte do círculo de afinidade de Eric Dardel. São os geógrafos de inspiração vidaliana e próprio Vidal, como vimos, que compõe esse círculo. No nosso entendimento, a ideia de liberdade humana em Dardel é tributária da Escola Francesa de Geografia.

Inclusive, ao comentar sobre as paisagens rurais da França, Dardel (2015) evoca Roger Dion e reproduz o mesmo pensamento da Escola Francesa de Geografia: a liberdade humana de atuar conforme as próprias leis da natureza. A diferença entre as campinas do Norte e a região do Midi (Sul), que muitos consideram ser “naturais”, são na verdade desdobramentos das formas de agriculturas empregadas. As plantações da região setentrional francesa, em campos abertos, estavam ligadas a um regime comunitário, uma economia agrícola antiga ao passo que a região do Midi, com fazendas e árvores dispersas, possuía uma marca de agricultura individualista (Dardel, 2015). Assim, as iniciativas humanas existiam, mas eram condicionadas pelos elementos naturais. De igual modo, o trabalho de Dion proporcionou a Eric Dardel o entendimento de que “a simples leitura atenta da paisagem rural revela esse fato capital da história econômica e social da França [...]” (Dardel, 2015, p. 32). Desse modo, epistemologia dardeliana toma para si duas características da Escola Francesa que estão imbricadas, a saber: a leitura da paisagem como meio de desvendar a história do país e a liberdade humana (Dardel, 2015; Berdoulay, 2017).

Efetivamente, para Eric Dardel, essa liberdade humana frente ao mundo não permite que o ser humano seja refém, escravo do meio; existe, portanto, uma ideia que “recusa um simples determinismo como o que limita o ser vivo ao seu meio natural” (Dardel, 2015, p. 35). Há, na verdade, uma via dupla e “a mão do Homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto.” (Dardel, 2015, p. 2). Com efeito, é na própria realidade material que se inserem a atividade e a liberdade humana. Há, no projeto dardeliano, assim como na Escola Francesa de Geografia, o reconhecimento da iniciativa e da liberdade dos homens: “A intenção humana se inscreve na Terra [...]” (Dardel, 2015, p. 29). É tanto que Dardel (2015) se dedica a pensar ainda que brevemente, as cidades e a “urbanidade” como frutos da iniciativa humana no meio. O próprio processo de urbanização é entendido como parte da resolução humana; as cidades “se ampliam, se desenvolvem: a expansão, a improvisação, a febre por construir e de abrir caminhos [...]” (Dardel, 2015, p. 28). Nesta perspectiva, a cidade e a urbanidade são compreendidas

como partes de um *espaço construído* pela inventividade e liberdade do Homem frente às contingências naturais – quando o relevo se impõe às técnicas, por exemplo (Dardel, 2015).

Assim sendo, a liberdade, na concepção dardeliana, se expressa também no ato humano de construir cidades, de vencer as distâncias impostas pela configuração do meio. Na concepção dardeliana, este último aspecto é tão significativo que promoveu mudanças drásticas na história da humanidade:

A liberdade humana se afirma ao suprimir ou reduzir as distâncias. A civilização ocidental fez dessa luta contra as distâncias, compreendida como uma economia de esforços e de tempo, uma de suas preocupações dominantes. A navegação a vapor “aproximou” geograficamente a América da Europa, e a aviação comercial pôs ao alcance de Nova York, ou de Londres todas as terras habitadas. Esse “encurtamento” do mundo perturbou todos os dados políticos e econômicos, criando uma interdependência planetária, ainda mais acentuada pelo telefone e pelo rádio. A intervenção dos Estados Unidos nas duas recentes guerras mundiais pressupõe um mundo reduzido pela tecnologia dos transportes. Certas paisagens terrestres, as plantações de seringueira na Malásia, ou as explorações petrolíferas no Texas, nasceram da luta contra as distâncias (Dardel, 2015, p. 10).

Desse modo, a liberdade humana, no pensamento de dardeliano, é um componente fulcral da luta entre o Homem e o meio. Este vocábulo é pleno de um caráter beligerante, fazendo-nos compreender que há sempre uma relação Homem-Terra, um contato, por vezes conflituoso, entre o ser humano e o meio. Mais do que isso: para Dardel (2015), questões complexas de geopolítica, vida social, aspectos econômicos, todos os rebatimentos da globalização são frutos da liberdade humana na superfície terrestre. Desse modo, o espaço pode ser cúmplice dos desígnios humanos ou até mesmo obra humana (Dardel, 2015).

É preciso levar em consideração também que, no embate Homem-mundo, no contato do ser humano com o meio, havia tanto o peso dos aspectos físicos quanto a possibilidade da humanidade exercer sua liberdade. Se o ser humano é livre para agir, o meio também tem sua influência:

É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana. [...] o Homem é *agenciado* pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estope, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos (Dardel, 2015, p. 8-9).

Assim, há o reconhecimento de que a humanidade pode ser influenciada pelo ambiente geográfico, ou melhor, agenciada, usando as próprias palavras de Dardel (2015). Dessa maneira, o espaço pode ser considerado hostil aos planos humanos, uma realidade que pode se chocar, sem nenhum tipo de acolhimento, à vontade humana: “um mundo *contra* o homem” (Dardel, 2015, p. 16). Na perspectiva dardeliana, a realidade geográfica *afeta* o Homem. A certeza da influência do ambiente no pensamento dardeliano era tal que até aspectos somáticos dos seres humanos poderiam ser alterados pelo meio. Essa discussão, de fato, se encontra também em Vidal de La Blache (2012a), como já comentado anteriormente.

Isto acontece porque, assim como em Vidal, para Dardel, o meio – ou a realidade geográfica, para ser mais fiel às palavras dardelianas – não é um objeto inerte, um mundo reificado, coisificado: “[...] não é, de forma alguma, uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar.” (Dardel, 2015, p. 8). Trata-se, pois, de um “um espaço que se dá e responde, espaço generoso e vivo” (Dardel, 2015, p. 26). É um organismo vivo e não o espaço desumano do geômetra. Desse modo, exemplifica Dardel (2015), a floresta não é apenas uma extensão arborizada da realidade objetiva; ela é formadora de almas e de sensibilidades. Ela atua no Homem. Para Dardel (2015), o impacto com a realidade terrestre propicia com que esta outorgue ao Homem parte do seu próprio ritmo. O ambiente, assim, é uma realidade viva; possui suas próprias dinâmicas, como também é postulado na epistemologia dos vidalianos.

É verdade que esse entendimento a respeito da realidade material, dentro do caleidoscópio das referências de Dardel, também foi influenciado por aportes filosóficos, literários e de outras ciências, tais como Gaston Bachelard, Martin Heidegger e André de Cayeux. Entretanto, do que foi exposto, esse entendimento bem como a ideia de liberdade humana frente ao meio presente na obra dardeliana são tributárias da Escola Francesa de Geografia.

Considerações finais

Vidal de La Blache, a Escola Francesa e suas epistemologias geográficas legaram muito a Geografia. Muitos pressupostos teórico-metodológicos advindos dessas epistemologias se ramificaram nos mais diversos campos da Geografia. Com o projeto geográfico dardeliano, esse movimento não foi diferente. Notadamente, os vidalianos fazem parte do círculo de afinidades de Eric Dardel e colaboraram para o seu pensamento. Abordamos aqui os diversos modos de como o pensamento de Eric Dardel foi enriquecido com essas contribuições. Podemos enumerar várias: a alusão à liberdade humana na relação Homem-Terra; a postura interdisciplinar ao transitar pela História, Geologia, Etnografia e Sociologia, apregoando a unidade das ciências e indo de encontro com o ideário modernista de ciência; a ênfase na observação dos fenômenos sem negligenciar os saberes populares relativos à Geografia, mesmo com abordagens filosóficas diferentes; e a proposta de retomada dos aspectos literários, poéticos nas investigações geográficas.

Compreender essas continuidades auxilia na valorização dos autores clássicos da Geografia, movimento comum nas outras ciências humanas, bem como pode inspirar o desenvolvimento de uma ciência geográfica viva e potente a partir das reinterpretações e assimilações das proposições dardelianas, que já são abundantes no seio da ciência geográfica. A obra dardeliana, de fato, é original tanto pelo que diz como também pelo que, a partir dela, se pode pensar, elaborar. Compreender Dardel em suas continuidades e rupturas, portanto, dá um olhar mais amplo de seu trabalho e promove reflexões frutuosas para a ciência geográfica de hoje e do amanhã.

As influências dos vidalianos em Dardel, como vimos, são inúmeras. Diante delas, pode-se colocar na boca de Dardel a mesma metáfora medieval que, presumivelmente, também foi declarada por Isaac Newton: “Vi mais longe porque estava apoiado em ombros de gigantes”. No caso dardeliano, a lista de gigantes é extensa, mas, entre eles, com certeza, figuram Vidal de La Blache e a Escola Francesa de Geografia.

Referências

- ANTUNES, William M. Camille Vallaux: uma figura da Geografia francesa. **GEOgraphia**, v. 17, n. 35, p. 197-203, 2015. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2015.v17i35.a13734>
- BERDOULAY, Vincent. **A Escola Francesa de Geografia**: uma abordagem *contextual*. São Paulo: Perspectiva, 2017. 280p.
- BESSE, Jean-Marc. Lire Dardel aujourd’hui. **Espace Géographique**, v. 17, n. 1, p. 43-46, 1988.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014. 120p.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015a, p. 111-139.
- BESSE, Jean-Marc. Autour de *L'homme et la Terre* d' Éric Dardel. En: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Paisaje y emoción**: el resurgir de las geografías emocionales. Observatorio del Paisaje. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona, 2015b. p. 13-20.
- BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1962. 507p.
- CAMPOS, Rui Ribeiro. A Política na Geografia de Vidal de La Blache. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, p. 124-144, 2014.
- CAPEL, Horacio, **Filosofia e ciência na Geografia contemporânea**: uma introdução a Geografia. Maringá: Massoni, 2007. 169p.
- CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006. 141p.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2014. 407p.
- CLOUT, Hugh. In the shadow of Vidal de la Blache: letters to Albert Demangeon and the social dynamics of French geography in the early twentieth century. **Journal of Historical Geography**, v. 29, n. 3, p. 336-355, 2003. <https://doi.org/10.1006/jhge.2002.0460>
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JR. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**, v.11, n.16, p.173-200, 2015. <https://doi.org/10.5418/RA2015.1116.0008>
- DEMANGEON, A. **Les sources de la géographie de la France aux Archives nationales**. Paris: Librairie Georges Bellais. 1905. 120 p.
- DEMANGEON, A. **Problèmes de Géographie Humaine**. Paris: Librairie Armand Colin. 1952. 408p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159p.

FEBVRE, Lucien. **A terra e a evolução humana:** introdução geográfica à história. Lisboa: Cosmos, 1991. 340p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 366p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos:** uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. 158p.

HOLZER, Werther. **Geografia Humanista:** sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016. 392p.

LA BLACHE, Paul Vidal de. O princípio da geografia geral. **GEOgraphia**, v.3, n.6, p. 93-100, 2001.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2001.v3i6.a13415>

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia Política: a propósito dos escritos de Friedrich Ratzel. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 84-94, 2002. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13426>

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia humana: suas relações com a Geografia da vida. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. **Vidal, Vidais:** textos de Geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a. p 99-124.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Da interpretação geográfica das paisagens. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. **Vidal, Vidais:** textos de Geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012b. p. 125-130.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Sobre o raciocínio geográfico. **Terra Brasilis (Online)**, n.12, 2019.
<https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.5550>

LACOSTE, Yves. **A Geografia:** isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 2005. 240p.

LÉVY, B. Hommage à Dardel: au sujet de quelques sources philosophiques et littéraires de L'Homme et la Terre. **Cahiers de Géopoétique**, v. 5, p. 29-39, 1996.

LUS BETTI, Gonzalo E.. Camille Vallaux: una contribución a la comprensión de la disputa epistemológico-institucional entre la Geografía Humana y la Morfología Social en el umbral del siglo XX. **Terra Brasilis**, v. 11, 2019. <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.3966>

MAMIGONIAN, A. A Escola Francesa de Geografia e o Papel de A. Cholley. **Cadernos Geográficos**, n.6, p. 7-43, 2003.

MICHELET, Jules. **Introduction à L'Histoire Universelle.** Paris, Armand Colin, 1962. 244p.

MORAES, Antonio C. R. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo: Annablume, 2007. 130p.

NASCIMENTO, F. C. A paisagem como rosto: uma confluência entre Geografia de Dardel e a Filosofia de Lévinas. **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 24, n. 1, p. 104-116, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.163824>

OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic; ROBIC, Marie-Claire. A França no limiar de novos tempos: Paul Vidal de La Blache e a regionalização. **GEOgraphia**, v. 9, n. 18, p. 7-31, 2010.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i18.a13540>

PINCHEMEL, Philippie. Biografia de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, p.155-159, 2015.

RAFFESTIN, C. Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel? **Cahiers de Géographie du Québec**, Montreal: Département de Géographie de l'Université Laval, v. 31, n. 84, p. 471-481, 1988.

RIBEIRO, Guilherme. Interrogando a ciência: a concepção vidaliana de Geografia. **Confins (Online)**, n. 8, 2010. <https://doi.org/10.4000/confins.6295>

RIBEIRO, Guilherme. Fundamentos epistemológicos de uma ciência. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. **Vidal, vidais**: textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.23 -40.

RIBEIRO, Guilherme. Mitos e ciência nas interpretações sobre Vidal de La Blache. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 7-21, 2014. <https://doi.org/10.4215/RM2014.1302.0001>

SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**, v.2. n.4, p. 137-150, 2000.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2000.v2i4.a13392>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios**: uma introdução a Ecologia Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 352p.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.